

Perdeu-se muito ao levar a capital para Brasília DF

Paulo Vellinho (*)

Certo a-
mente, todo
fundamento
da posição
muitas ve-
zes crítica
do empresá-
rio, com re-
lação ao go-
vernante, reside na total di-
ferença de postura que pre-
side suas decisões e atos em
contraposição àquela do go-
verno. Para os empresários,
a decisão de implantar
nova unidade industrial, ou
mudar as suas instalações
para outra área, talvez
mais conveniente, reside na
análise de viabilidade eco-
nômica, na avaliação do in-
vestimento e seu correspon-
dente retorno. Seria um
suicídio mudarmos, por
exemplo, uma fábrica relati-
vamente rentável, uma
vez verificado que tal mu-
dança significaria investi-
mento pesado, com capital
de empréstimo e baixo re-
torno ou até nenhum retor-
no. Alguém que adotasse tal
mudança, a despeito de co-
nhecimento dos resultados,
poderia levar a empresa à
falência e, por certo, seria
decapitado pelos acionistas,
na verdade, os donos da em-
presa.

Podem mudar as propor-
ções e algumas características,
mas, basicamente, o
que se fez com o Brasil na
década de 50 foi, a rigor, is-
to.

Construiu-se nova capital
sem prestar atenção às coi-
sas elementares para ado-
tar tal decisão, pois se gas-
tou o que não se tinha e
continuou-se a gastar o que
não se podia num programa
sem prioridade, imobilizan-
do recursos tradicionalmen-
te escassos até e principal-
mente para as reais neces-
sidades. Endividou-se o
País, empobreceu-se a so-
ciedade, esqueceu-se de que
o homem e suas necessida-
des básicas devem ser o
principal objetivo nacional.
E, com isto, conseguiu-se
inaugurar a nova capital,
em abril de 1961, com aplau-
dos da sociedade conduzida



nal. Lá fora, homens res-
ponsáveis deslumbravam-
se não com a realização
mas sim com a nossa im-
previdência que, em vez de
aplicar nas reais priorida-
des da Nação, postergava a
viabilidade de possuirmos
um País desenvolvido não
em termos econômicos
mas, especialmente, em so-
ciais.

Entretanto, a história de
Brasília não terminou, afi-
e, desde a inauguração,
começou-se a construir, sob
a sua idéia megalomaníaca,
toda uma sequência de dis-
torções e de ônus cada vez
mais insuportáveis para
uma sociedade pobre. E, en-
quanto se tecem louros a
Brasília e a sua beleza plás-
tica, anda o País de joelhos
pelo mundo a fora para en-
frentar os inconvenientes e
as agruras de sua dívida ex-
terna, cuja origem tem uma
parcela originada na massa
de concreto e asfalto im-
plantada no Planalto Cen-
tral.

Enquanto isto, no panora-
ma interno, nos deparamos
com a luta cruel do combate
à inflação, cuja origem, a
bem da verdade, remonta à
época quando damos a en-
tender à sociedade que o or-
çamento público é uma bo-
bagem, que gastar além do
que é possível é ato de cora-

gem e que a emissão é ape-
nas uma decisão de acionar
a máquina de impressão,
sem que todas estas opera-
ções tenham reflexos nas fi-
nanças e na economia na-
cional. Justificar Brasília
pela necessidade de ocupar
o Oeste brasileiro é tema
para discussão.

E preciso ter em mente
que a migração do homem
sempre se faz por um moti-
vo forte que o induz a trocar
o seu "status quo" por algo
diferente e melhor. Emigrar
ou migrar são atos de
coragem de homens e mu-
lheres desprendidos e ousa-
dos que não hesitam em
romper laços sentimentais
de família para buscar novos
horizontes. Assim pelo
menos nos mostra a história
da colonização do Brasil e
do mundo. E as migrações
quase sempre se fizeram
em termos espontâneos, as-
sumindo o homem o ônus do
risco de, assim procedendo,
alcançar uma vida melhor.

Obviamente, Brasília, pa-
ra ser povoadas, contou ini-
cialmente com um núcleo
de pessoas em busca de
oportunidade de trabalho.
Gente simples, técnicos e
engenheiros, que, ao assu-
mirem as consequências de
sua decisão, foram felizes e
se integraram na história
de Brasília. Evidentemen-

te, a obra sumptuária de
Brasília, com seus palácios,
Hotéis e residências, pouco
significaria se não fosse
transferida, também, a ad-
ministração federal, e, para
efetuar a mudança de uma
comunidade estabilizada,
ofereceram-se condições
exceptionais aos novos resi-
dentes, tais como os famo-
sos apartamentos funcio-
nais e respectivo acréscimo
sobre o salário previsto em
lei, inerente à transferência
de domicílio. E assim
passou-se a povoar Brasília
com novos contingentes hu-
manos vindos de todos os
cantos do País, perenizando-se os
incentivos por conta do erário pú-
blico e não do bolso próprio,

como exemplo dos primei-
ros habitantes, e instituindo-se, daí em diante,
a febre pelas vantagens
da mudança. Em conse-
quência, a cidade projetada
por Lúcio Costa e Niemeyer
para uma população de 500
mil pessoas, no fim do sécu-
lo, já no final da década de
70 contava com 1 milhão de
almas. Em consequência,
prosegue a construção de
novas residências, de novas
infra-estruturas, absorven-
do, cada vez mais, recursos
de nosso esquálido Tesouro,
com pesado ônus para a so-
ciedade brasileira.

E claro que ao homem
que se mudou para Brasília
não cabe nenhuma crítica,
mas, ao contrário, deve ele
ser considerado audaz e co-
rajoso, que trocou o seu habi-
tacão por outro e cuja adap-
tação realmente se constitui
numa tarefa difícil.

Hoje, Brasília é uma reali-
dade. No entanto, deve-
mos parar por onde esta-
mos e fazer com que o seu
crescimento, daqui para
frente, ocorra por meios na-
turais. Nesse sentido, cabe
cortarmos definitivamente
o umbigo vital que une hoje
Brasília à sociedade brasi-
leira, que responde pelo alto
custo de seu artificialismo.

Já é tempo de programar-
mos sua auto-suficiência,
instrumentando-a via tributo
de receita necessária ca-
paz de ordenar os seus pas-
sos daqui para a frente, ven-
dendo a todos os seus usuá-
rios os apartamentos fun-
cionais, evitando que a me-
dida prossiga, como até
aqui — a sua manutenção a
custo da Nação. E tudo isto
deve ser feito com a maior
urgência para dispormos,
anualmente, de mais recur-
sos federais para outras ne-
cessidades tão importantes
e prioritárias da Nação.

Assim, Brasília seria uma

cidade mais realista, sem
as vantagens artificiais que
a transformam, na minha
opinião, em "Ilha Feliz",
longe das áreas de produ-
ção, das áreas-problema e
das favelas do Rio, de São
Paulo, de Porto Alegre e de
Recife e do Brasil que pulsa
e que sofre, impedida, por-
tanto, de compreender a
verdadeira realidade nacio-
nal.

Enquanto estamos pro-
pondo um esquema para des-
sobrigar a sociedade brasi-
leira do ônus que Brasília
lhe impõe, para o bem do
Brasil temos de continuar a
conviver com o fantasma da
velha capital federal do Rio
de Janeiro, onde os antigos
ministérios e todas as enti-
dades ligadas direta ou indi-
retamente ao poder público
concentram-se numa popu-
lação de homens e mulheres
que tentam com honestida-
de justificar sua função, pa-
ra, assim o fazendo, dar
sentido a sua vida profissio-
nal. Na verdade, o Brasil es-
ta mantendo hoje duas capi-
tais. Uma de fato e de direito,
Brasília, e a outra, o Rio, tem
ainda os contornos de
capital, muitos ônus de uma
capital, mas que não é capi-
tal.

(*) Líder empresarial gaúcho,
presidente do grupo Springer.

a acreditar, pela má propa-
ganda, que o Brasil via
Brasília estava a mostrar
ao mundo seu potencial,
bem como, com tal iniciati-
va, sua capacidade e cora-
gem de empreender. Mal
sabia o povo brasileiro que
a glória era apenas nacio-